Olho para cima e vejo um par de olhos roxos brilhando para mim.

Eu limpo minha garganta e dou um passo para trás. Por que me sinto como se tivesse sido

pego fazendo algo do qual preciso sentir vergonha?

"Eu estava passando uma esponja no seu rabo", digo a ela. "Achei que isso ajudaria a absorver

melhor do que apenas jogar um balde de água em você."

Ela assente, lambendo os lábios. "Você ia fazer o resto do meu corpo?"

Meus olhos vão imediatamente para seus seios, seus mamilos se contraindo em

pedras duras e rosadas. Embora ela sempre tenha ficado de topless, eu saio do meu caminho

para não me deter em sua nudez, para não perder a cabeça.

Mas agora, ela está me fazendo olhar. Ela até projeta um pouco o peito, como se

ela quisesse minha atenção, quisesse minhas mãos nela com meu pano sagrado, deixando

ela molhada. Por um momento, imagino jogar fora todas as restrições, todas as

inibições e fazer o que quero com ela. Imagino deixar pequenas mordidas ao longo

da barriga dela, ao longo de seus lados carnudos, deixando apenas os menores

rastros de sangue, que eu delicadamente lamberia com minha língua como um felino.

Eu a faria gemer aquele mesmo som profundo e ofegante que ela expeliu

quando eu estava bebendo seu sangue.

Então, eu procuraria seu ponto mais íntimo, talvez uma fenda escondida

ao longo do comprimento frontal de sua cauda, puxaria meu pau já rígido e empurraria

dentro dela até ouvi-la gritar.

"Sim", eu a ouço sussurrar, tão fraco que eu poderia ter imaginado.

Mas é o suficiente para me puxar de volta ao controle.

Engulo em seco e desvio meus olhos de seu peito. "Eu diria que meu trabalho aqui está feito."

Antes que eu possa mudar de ideia, pego o balde e jogo o resto da água em seu rosto. Ela grita, cuspindo enquanto a água cai em cascata sobre sua cabeça, e então eu despejo o que sobrou no balde sobre a minha.

Preciso dar um tapa em mim mesma tanto quanto ela precisa.

"Preciso conduzir um funeral e um sermão", digo a ela, enxugando a água da testa. "Você terá que sobreviver enquanto eu estiver fora. Posso te dar algo para comer se me disser o que é."

Ela me encara, riachos escorrendo pelo rosto. "Um coração humano.

O seu, de preferência."

Não consigo deixar de dar a ela um sorriso morno. "Você nunca terá meu coração, peixinho."

Além disso, eu nem sou humano.